



A contação afro-indígena como caminho de reconhecimento identitário: Os impactos de uma ação extensionista

Valéria Moreira Dias, João Vítor Barbosa Souza, Letícia Santos Azevedo, Yure Oliveira Santos, Núbia Regina Moreira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

202320026@uesb.edu.br

TRABALHOS COMPLETOS GT 01 – ETNICIDADE, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO

RESUMO

Este trabalho analisa os impactos da contação de histórias afro-indígenas no processo de fortalecimento identitário de crianças assentadas, partindo do Projeto Contando Africanidades, vinculado à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). A metodologia foi de caráter qualitativo, fundamentada em sessões de contação de histórias com protagonistas negros e indígenas, realizadas em um assentamento sem-terra, seguidas de rodas de conversa. Os resultados evidenciam que as narrativas possibilitaram às crianças se reconhecerem positivamente, reforçando vínculos com sua ancestralidade e construindo representações de pertencimento coletivo. Constatou-se que a contação de histórias, nesse contexto, atua como pedagogia insurgente, em diálogo com perspectivas de uma educação antirracista e decolonial (hooks, 2019; Carneiro, 2005; Walsh, 2009). Conclui-se que a contação de histórias afro-indígenas constitui-se como prática de resistência e transformação social, reafirmando a infância como espaço de criação, identidade e protagonismo.

Palavras-chave: Contação de histórias. Identidade. Pedagogia decolonial.

Submetido em: 11/10/2025 | **Aceito em:** 10/11/2025

Introdução

A história da educação brasileira é atravessada por marcas da colonização que, ao longo do tempo, produziram silenciamentos e estigmatizações sobre as populações negras e indígenas. Essa herança, como lembra a professora Nilma Lino Gomes (2017, p.171), “nega referências identitárias às crianças negras ao excluir de seus currículos a história e a cultura africana e afro-brasileira”. Tal exclusão compromete o desenvolvimento da autoimagem e do pertencimento, sobretudo em territórios onde a luta pela terra e pela dignidade se entrelaça à formação das novas gerações, como nos assentamentos sem-terra.

Nesse cenário, a infância não pode ser vista como mero receptáculo de conteúdos, mas como espaço de elaboração simbólica e de reconhecimento de



si no mundo. Lélia Gonzalez (1988) já afirmava que a valorização das matrizes culturais afro-indígenas é fundamental para romper com a lógica de subalternização e abrir caminhos de resistência. Para crianças assentadas, que vivenciam cotidianamente a experiência de disputar visibilidade social e política junto a suas famílias, ouvir e narrar histórias que trazem personagens negros e indígenas é também afirmar sua existência e seu direito a sonhar.

É nesse contexto que se insere o Projeto Contando Africanidades: valorizando as matrizes culturais e étnicas brasileiras por meio da contação de histórias, vinculado à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Trata-se de uma ação extensionista que promove sessões de contação de histórias em espaços educativos, tendo como protagonistas personagens negros e indígenas e como objetivo a desconstrução de preconceitos, o fortalecimento da identidade e a valorização da diversidade cultural (Dias, Souza, Azevedo, Santos, 2024). Ao atuar também em comunidades camponesas e assentamentos, o projeto amplia seu alcance social, permitindo que crianças assentadas construam imagens positivas de si e dos seus pares.

Dessa forma, este trabalho pretende analisar os impactos da contação de histórias afro-indígenas no processo de reconhecimento identitário de crianças assentadas, evidenciando como a oralidade se torna um instrumento de formação, resistência e pertencimento coletivo.

Como lembra bell hooks (2019), uma educação verdadeiramente libertadora deve partir da experiência e da ancestralidade dos sujeitos, reconhecendo-os como produtores de cultura e de conhecimento. Inspirado nessa perspectiva, os proponentes do Projeto Contando Africanidade estruturam esta proposta a partir das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornam obrigatória a abordagem das histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas na escola, e promove práticas pedagógicas que dialogam com a vida concreta das crianças (Dias, Souza, Azevedo, Santos, 2024).

Metodologia



A metodologia deste trabalho consiste num relato de experiência, uma descrição das atividades desenvolvidas durante as contações de histórias afro-indígenas como prática pedagógica. Do ponto de vista epistemológico, o relato de experiência se insere no campo das pesquisas qualitativas, caracterizando-se pela ênfase na compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas e vivências. Segundo Minayo (2012), a abordagem qualitativa busca interpretar fenômenos sociais em sua complexidade, privilegiando os processos e contextos em que ocorrem.

Nesse sentido, o relato de experiência assume valor científico por permitir a sistematização reflexiva de práticas pedagógicas, transformando vivências em conhecimento compartilhável e socialmente relevante. O presente estudo articula a dimensão prática e a analítica da ação extensionista, entendendo o espaço da contação de histórias como um campo de produção de saberes e de formação crítica, tanto para os sujeitos participantes quanto para os extensionistas envolvidos.

As atividades foram realizadas em um assentamento sem-terra, com a participação de crianças da comunidade. O processo consistiu em sessões de contação de histórias que traziam personagens negros e indígenas, seguidas de rodas de conversa. A sessão intitulada “Eu amo minha cor” teve como eixo temático o reconhecimento e a valorização da identidade racial das crianças, sendo desenvolvida a partir da leitura dos livros *O mar que banha a Ilha de Goré*, de Kiusam de Oliveira e *A cor de Coraline*, de Alexandre Rampazo.



Fonte: acervo do projeto.

A escolha da contação de histórias como metodologia se justifica por sua força cultural e educativa, pois a oralidade permite que as crianças expressem sentimentos, compartilhem experiências e construam representações positivas de si mesmas. Dessa forma, a prática se constituiu ao mesmo tempo como ação pedagógica e como caminho de análise para compreender o impacto das narrativas no fortalecimento da identidade infantil.

Desenvolvimento

A oralidade sempre ocupou lugar central nas culturas africanas e indígenas, constituindo-se como instrumento de preservação da memória coletiva e de fortalecimento identitário. Muniz Sodré (2002) destaca que “a palavra falada, no universo afro-brasileiro, é energia vital, capaz de criar vínculos e de organizar o mundo social”. Assim, a contação de histórias em espaços educativos passa a se tratar de um gesto político e cultural de resistência.



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiral da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate das perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas :: VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento :: I Jequiê Zumba :: Cantinho do Griô



É nesse horizonte que se insere o Projeto Contando Africanidades, ação extensionista da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). O projeto promove sessões de contação de histórias com protagonistas negros e indígenas, buscando desconstruir preconceitos, fortalecer identidades e valorizar a diversidade étnica e cultural, além disso, se propõe a contribuir para a formação de professores e professoras comprometidos com uma educação antirracista (Dias, Souza, Azevedo, Santos, 2024).

Ao ser desenvolvido em um assentamento sem-terra, o projeto alcança um território em que a luta pela terra se entrelaça com a luta pelo reconhecimento. As crianças assentadas vivem em contextos marcados pela resistência cotidiana de suas famílias, enfrentando estigmas. Para elas, ouvir histórias com protagonistas negros e indígenas significa encontrar representações positivas que lhes permitem se enxergar como parte de uma história maior. Como afirma Carneiro (2005, p.97), “a disputa por imagens e representações é também disputa por humanidade e dignidade”.

Durante as sessões de contação realizadas no assentamento, as narrativas não apenas despertaram o encantamento infantil, mas também abriram espaço para que as crianças dialogassem sobre suas próprias vivências. Percebemos que o envolvimento dessas pessoas mostra que a oralidade tem poder de mobilizar subjetividades e de provocar reflexões profundas. Bell hooks (2019) lembra que a educação libertadora acontece quando os sujeitos se reconhecem como protagonistas do processo de aprendizagem. Nesse sentido, ao ouvir histórias afro-indígenas, as crianças assentadas se viram legitimadas em sua própria existência.

Além do impacto formativo nas crianças, a experiência do Contando Africanidades evidencia como práticas de contação de histórias afro-indígenas se convertem em pedagogias insurgentes. Elas desestabilizam currículos hegemônicos e afirmam epistemologias historicamente silenciadas, colocando no centro saberes de matriz africana e indígena. Nesse sentido, a contação de histórias a partir do projeto, dialoga diretamente com o que Catherine Walsh (2009) chama de pedagogias decoloniais, ou seja, práticas que confrontam o racismo epistêmico e criam condições para outros modos de existir e aprender.



Essa dimensão ganha ainda mais força quando pensamos a infância como espaço de criação e resistência. A contação de histórias afro-indígenas, nesse sentido, se apresenta como prática que articula identidade étnico-racial, pertencimento e afirmação de saberes historicamente silenciados, reafirmando as crianças como protagonistas de seus próprios processos formativos.

Considerações finais

A experiência com o Projeto Contando Africanidades em um assentamento sem-terra revelou que a contação de histórias afro-indígenas se apresenta como uma prática pedagógica potente no processo de formação identitária das crianças. Ao ouvir narrativas que valorizam personagens negros e indígenas, as crianças assentadas puderam se reconhecer positivamente, fortalecer vínculos com sua ancestralidade, compreendendo-se como parte de uma história coletiva de resistência.

Constatamos que a oralidade, além de ser um recurso metodológico, constitui-se como prática política e cultural, capaz de romper silenciamentos e abrir caminhos para uma educação antirracista e decolonial. Como destacam autores e autoras como bell hooks (2019), Sueli Carneiro (2005) e Catherine Walsh (2009), a educação libertadora se constrói no reconhecimento da experiência e da ancestralidade dos sujeitos, desafiando currículos hegemônicos e afirmando epistemologias marginalizadas.

Assim, o Contando Africanidades demonstra que a contação de histórias atua como prática de resistência e de transformação social, reafirmando a existência das crianças assentadas como potências e protagonistas de suas trajetórias.

Por fim, este trabalho reforça que pensar práticas pedagógicas atentas às realidades diversas da sociedade e das comunidades é fundamental para a construção de uma educação inclusiva que emancipe e transforme. A contação de histórias afro-indígenas, nesse sentido, evidencia-se como caminho fecundo para nutrir pertencimento e fortalecer identidades.



Referências

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DIAS, Valéria Moreira; SOUZA, João Vítor Barbosa; AZEVEDO, Letícia Santos, SANTOS, Yure Oliveira. **Projeto Contando Africanidades.** Semana de Educação da Pertença Afro-brasileira, v.2, p.216-217, 2024.
<https://anais2.uesb.br/index.php/sepab/article/view/1557/2257>

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores: entre saberes e práticas.** 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade.** Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Elefante, 2019.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade, conhecimento e decolonialidade.** Revista Brasileira de Educação, v. 14, n. 40, p. 36-50, jan./abr. 2009.